

Ceilândia, hoje

Um comércio fraco e sem fiscalização expõe as pessoas a vários riscos de contaminação por alimentos deteriorados, mas as «garrocinhas», frequentes na paisagem da Ceilândia, são bem recebidas pelas donas de casa. Afinal de contas, importa mais ter o alimento à venda perto de casa que caminhar longas distâncias, em ruas esburacadas onde nem sempre se pode estar protegido de um assalto, principalmente se for à noite



com minha cunhada que é meia adoentada e não consegue andar em longas distâncias.»

ÁGUA

Essa mesma queixa de Guido fez Maria Helena da Silva, caixa do «Mercadinho Globo», comprado recentemente por seu marido, Maria Helena veio do Guarã onde os seus quatro filhos estudavam e até agora não conseguiu arrumar vagas para nenhum nas escolas da Guariroba. «Acho que o problema aqui é gente demais, pois parece que o governo está interessado em melhorar o setor, mas tudo que faz é muito pouco», frisou ela.

Por todo o setor da QNN 22/24, os moradores reclamam da falta de vagas nos colégios que deveriam servir o local. Mas uma outra grande reclamação é a falta d'água, que em toda a Guariroba continua vindo apenas três horas por dia. Normalmente das 15 horas às 18.

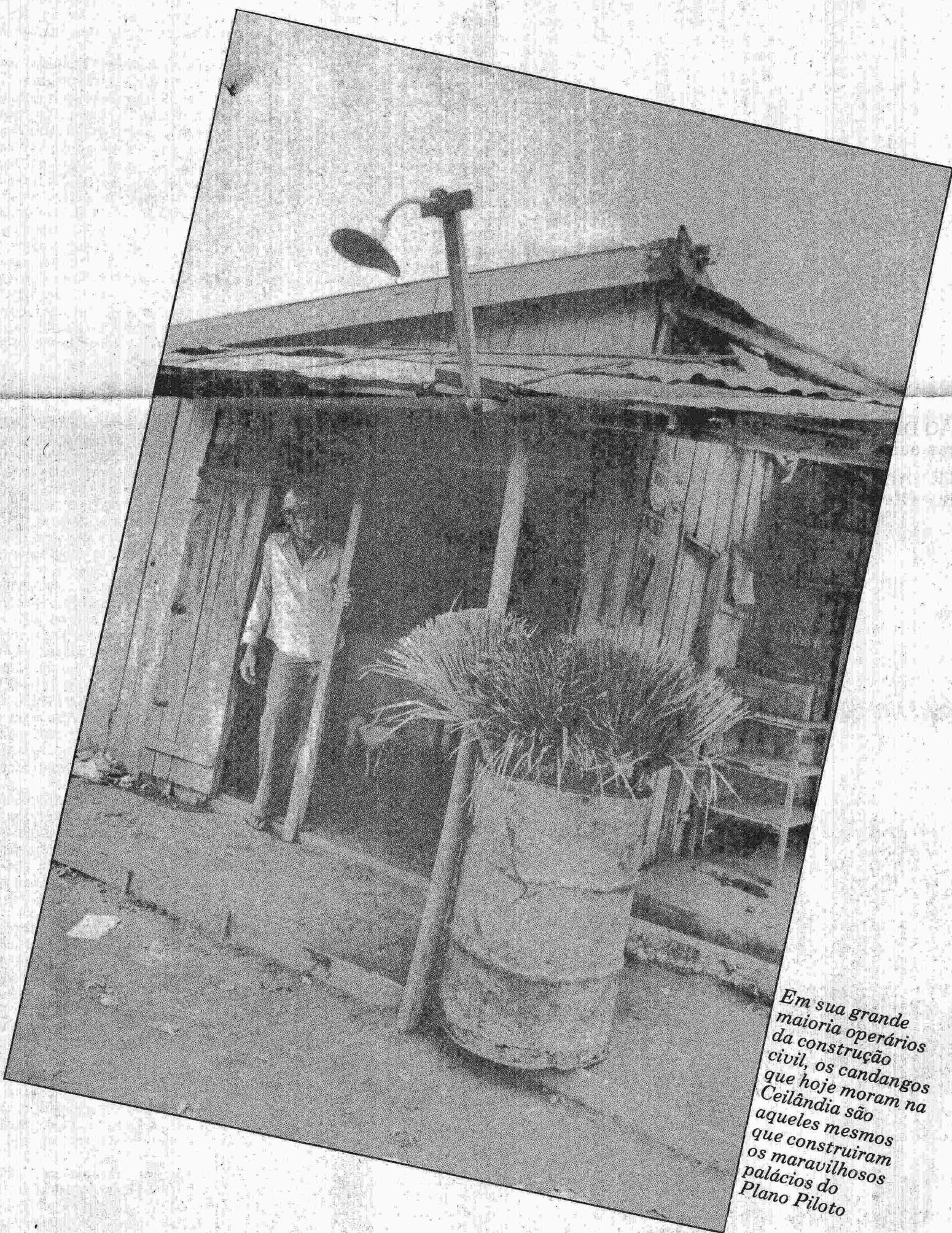
Lourdes Faganel de Souza, da QNN 20 Conjunto F, casa 51, mora na Guariroba, desde a sua fundação, ou seja, na entrega da primeira remessa das casas da SHIS, há 1 ano e meio atrás. Ela diz ter comprado os direitos da casa por 33 mil cruzeiros e continua pagando uma prestação de Cr\$ 297,00. «Mas o absurdo aqui, salienta ela, é o preço da energia elétrica ser quase o mesmo que a gente paga no carnê da SHIS. E todo mundo reclama, pois a maioria das famílias só usam a geladeira até às 17 horas para à noite poder ligar a televisão. Chuveiro Elétrico poucos são os que tem, isso aqui é muito luxo. Acho o custo de vida um absurdo, pois não temos um grande supermercado aqui na Guariroba e esses mercadinhos são uma afronta às economias que a gente faz».

Reconhecido pela própria administradora da Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia, como um dos maiores problemas daquela cidade, a falta de equipamentos comunitários tais como hospitais, bancos, cartório, postos de pagamento de talões da Caesb, SHIS ou Telebrasil é também sentido por todo o setor Guariroba, hoje com mais de 7 mil famílias, e que não conta com nenhum desses serviços comunitários, além de serem servidos por um improvisado comércio.

«E muito difícil a gente saber se o governo quer mesmo nos beneficiar. Fazíamos, todos os dias, viagens e mais viagens a administração da Ceilândia na tentativa de conseguirmos uma feira que nem de longe atende ao nosso setor e que continua servindo apenas aos moradores da Ceilândia Norte, pois está, a apenas 500 metros de distância da outra feira que já existia na Norte». Quem assim diz é João Batista dos Anjos, morador da QNN 18, conjunto P, casa 26.

— Em relação a hospitais ou postos de saúde, — lembra João Batista — na Ceilândia não existe nenhum hospital e o posto de saúde é muito fraco, só serve para vacinar a criança. Quem quer fazer uma consulta aqui tem que se deslocar até o Núcleo Bandeirante ou enfrentar as gigantescas filas do matadouro que é o hospital Distrital de Taguatinga.

Ao contrário da Guariroba e Setor O que contam apenas com casas da SHIS, na Ceilândia Norte a grande maioria dos lotes foi doado aos seus ocupantes ou «ditos ocupantes» pela Secretaria de Serviços Sociais, através do DI quando as primeiras famílias que chegaram a Ceilândia deixaram as suas invasões de origem desocupadas. Muitos desses lotes contam com construções em alvenaria, quase todas inacabadas, deixando transparecer no fundo o barraco de madeira, habitação



Em sua grande maioria operários da construção civil, os candangos que hoje moram na Ceilândia são aqueles mesmos que construíram os maravilhosos palácios do Plano Piloto

original da família quando para lá se deslocou.

Na QNM 19, da Ceilândia Norte, os moradores reclamam das disfarçadas casas de prostituição espalhadas por toda a quadra, «outros de crimes e muitas bagunças nos fins-de-semana», dizem eles. Na QNM 3, por outro lado, os moradores já queixam do número exagerado de cachorros vadios pelas ruas. Todos habitantes da Ceilândia Norte, no entanto, tem uma causa em comum: querem a melhoria nas ruas, pavimentação, e a normalização do abastecimento de água. Não enfrentam, por sua vez, a falta de colégios para os filhos, mas como todos os habitantes de outros setores da Ceilândia pedem a melhoria do sistema de transporte urbano e maior segurança.

Francisco Rodrigues de Melo, trabalhador em construção civil fichado na Semel, com um braço totalmente engessado, conta sua história. Ele diz ter saído por volta das 19:30 horas para comprar um remédio em uma farmácia do setor Norte na Ceilândia quando quatro «homens feitos» o agarraram e exigiram dinheiro.

— Como eu só tinha uns trocados — diz ele — eles acabaram me batendo com um pedaço de pau, ferindo todo o meu braço direito».

Logo em seguida um outro morador, que diz trabalhar no setor O Norte e residir na Guariroba, João Clementino Alves, mostrou toda a sua costa arroxeada por pancadas de «uns ladrões que acabaram me levando apenas o relógio, pois dinheiro eu não tinha».

«Tais casos, segundo a população da Ceilândia, ainda é o dia-a-dia do lugar, embora isto aqui tenha melhorado demais depois que eles começaram a iluminar melhor a cidade», salientou João Alves.

No setor O Norte, construído pela SHIS dois anos antes da Guariroba, a população já não reclama da falta de água que, segundo eles, «é de dar graças ao sistema de bombeamento que parece jogar mais para o nosso lado talvez por estarmos em um lugar mais baixo e mais próximo à barragem do Rio Descoberto», adiantou um comerciante do local.

Considerado por todos os moradores como o melhor local da Ceilândia, a parte sul da cidade, apesar de contar apenas com a avenida Central asfaltada ligando-a ao setor Norte, apresenta um aspecto

melhor, com as construções em grande número feito de alvenaria. Para muitos, é o setor onde as famílias apresentam uma melhor renda. Outros, no entanto, acreditam que o local oferece uma melhor impressão por ter sido habitado bem antes dos outros. «Aqui as famílias que receberam o seu lote da Secretaria de Serviços Sociais por alguma razão tiveram maior facilidade em construir, embora o que a gente se ressentir é que até hoje poucos são os que vieram das favelas do Núcleo Bandeirante e estão com os seus lotes quitados. O que temos até o momento é a ordem de ocupação expedida pelo DI e ninguém entende porque apenas alguns conseguem quitar o seu lote com a Terracap». A denúncia é do pedreiro Severiano Dias, da Quadra 17 da Ceilândia Sul.

No setor M Norte, no entanto, não existe essa preocupação, já que as pessoas não foram beneficiadas com um lote da SSS e sim «premiadas» pois receberam uma casa da SHIS, por sinal em um dos melhores conjuntos construídos por esse órgão naquela cidade-satélite. Contudo, apenas as residências estão em melhores condições, pois a falta de pavimentação nas ruas, inexistência de saneamento básico e equipamentos comunitários, péssimo serviço de transporte urbano, como em todos os outros setores, são problemas marcantes do M Norte.

Bastante confiante nas promessas do coronel Lamaison em dar prioridade às cidades-satélites de Brasília, o presidente da Associação Cultural Recreativa Esportiva e Habitacional dos Moradores na Ceilândia, Gonçalves Gonçalves, disse que foi com grande entusiasmo que a sua associação recebeu a indicação desse governante, por ele ser um conhecedor dos problemas daquela cidade.

— Além disso — lembra Gonçalves — o coronel Lamaison esteve conosco quando da visita do general Figueiredo à Ceilândia e deve estar ciente das palavras proferidas pelo futuro presidente de que essa cidade era «a menina dos seus olhos». Todos sabem — que não contamos com nenhum hospital, apesar da Ceilândia abrigar uma população em torno de 200 mil habitantes. O que mais reclamamos vem agora sendo feito, que é a pavimentação das ruas com a construção, já anteriormente do sistema de captação de águas pluviais.

LOTEAMENTOS

Gonçalves Gonçalves diz ainda que os moradores da Ceilândia estão esperançosos de que a «tão sonhada rede de esgoto» não fique apenas para a próxima década, como foi ventilado em alguns setores do GDF.

«Lutamos também, adiantou ele, para que os pioneiros da Ceilândia que receberam um lote da Secretaria de Serviços Sociais consigam finalmente quitar o terreno que ocupam mas com preços que não ultrapassem as condições financeiras dessas famílias. Segundo o presidente da ACRECE, aqueles que conseguiram ter os seus papéis aprovados em primeira mão tiveram os seus lotes quitados por Cr\$ 3.000,00. Enquanto, no momento, a Terracap alega ter o governo muito investido na Ceilândia e que os lotes não podem ser quitados por preços inferiores a 18 mil cruzeiros.

Na opinião do dirigente das Associações dos Moradores da Ceilândia, toda a população reconhece os esforços dispendidos pelo Governo Elmo Serejo Farias naquela cidade-satélite. «Mas as finanças das famílias da Ceilândia em muito pouco tem melhorado para que os lotes recebidos com direito de ocupação tenham os seus preços assim majorados», frisou ele.